

ORALIDADE NEGRA, ESCRIVIVÊNCIAS E AQUILOMBAMENTO COMO PRÁTICAS COMUNICACIONAIS EM PODCASTS BRASILEIROS¹

BLACK ORALITY, ESCRIVIVÊNCIAS AND AQUILOMBAMENTO AS A COMMUNICATION PRACTICE IN BRAZILIAN PODCASTS

Alice Oliveira de Andrade²
Aldenora Teófilo Vieira Santos Cavalcante³

Resumo: *Este artigo analisa podcasts negros brasileiros como práticas comunicacionais afrodiaspóricas que reconfiguram o campo sonoro digital ao mobilizar oralidade, memória e ancestralidade como fundamentos epistemológicos. A pesquisa adota abordagem qualitativa interpretativa, inspirada na Análise Racial Crítica em Podcasting, compreendendo essas produções não apenas como objetos midiáticos, mas como práticas discursivas situadas atravessadas por relações de raça, poder e identidade. O corpus é composto pelos podcasts Raízes e Calunguinha, examinados a partir de três eixos articulados: oralidade como categoria epistemológica, escrevivência como prática narrativa e aquilombamento como lógica comunicacional. Argumenta-se que tais produções tensionam paradigmas hegemônicos da comunicação ao instituírem regimes de escuta contra-hegemônicos e formas de produção de conhecimento ancoradas em epistemologias negras, contribuindo para a ampliação dos estudos do podcasting sob perspectivas racializadas.*

Palavras-Chave: Podcasting; Oralidade; Epistemologias negras.

Abstract: *This article analyzes Brazilian Black podcasts as Afro-diasporic communicational practices that reconfigure the digital sonic field by mobilizing orality, memory, and ancestry as epistemological foundations. The study adopts an interpretive qualitative approach inspired by Critical Race Podcasting Analysis, understanding these productions not merely as media objects but as situated discursive practices shaped by relations of race, power, and identity. The corpus consists of the podcasts Raízes and Calunguinha, examined through three articulated analytical axes: orality as an epistemological category, escrevivência as a narrative practice, and aquilombamento as a communicational logic. We argue that these productions challenge hegemonic paradigms of communication by establishing counter-hegemonic listening regimes and modes of knowledge production grounded in Black epistemologies, thus contributing to the expansion of podcasting studies from racialized perspectives.*

Keywords: Podcasting; Orality; Black epistemologies.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFS) e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). E-mail: andradealice@academico.ufs.br.

³ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFGM). E-mail: aldenorateofilo@gmail.com.

1. Introdução

A sub-representação e invisibilização histórica de narrativas negras no campo midiático brasileiro revelam, tanto na dimensão discursiva quanto nas práticas de produção de conteúdo, espaços marcados por relações de poder desiguais, exclusão simbólica e epistemologias silenciadas (Collins, 2004; Carneiro, 2003). Quando tensionam estruturas normativas de narrativas sonoras, produtores de podcasts negros vêm articulando formas de autoinscrição que atravessam os limites das representações estereotipadas e monolíticas de suas identidades (hooks, 2004; Lugones, 2008; Lloyd, 2018). Essas práticas se configuram como intervenções estético-políticas capazes de reverter fluxos hegemônicos de poder simbólico e de produzir novas visibilidades e temporalidades narrativas (Meirinho; Carrera, 2023), em que a oralidade, a memória, ancestralidade e a territorialidade se entrelaçam em experiências multimodais e antirracistas.

Nesse caminho, a convergência entre tradição oral e tecnologias digitais cria tensões produtivas entre enunciação e recepção, reafirmando a potência de uma comunicação que se faz como resistência e como reescrita estética de histórias historicamente silenciadas. É sobre esse contexto no qual nos debruçamos neste texto, cujo objetivo é analisar como os *podcasts* negros Raízes e Calunguinha tensionam concepções restritas de podcast como questão meramente técnica, propondo sua compreensão como mobilizadoras de epistemologias negras, regimes de escuta e modos de enunciação contra-hegemônicos.

A expansão das práticas sonoras no ambiente digital tem provocado deslocamentos significativos no campo dos estudos radiofônicos, especialmente no que diz respeito às fronteiras entre rádio, podcasts e outras formas contemporâneas de circulação de áudio. Nesse cenário, o podcast tem sido frequentemente compreendido como uma produção associada às plataformas digitais e à escuta sob demanda. Contudo, mais do que um fenômeno técnico ou mercadológico, o *podcasting* pode ser analisado como uma prática comunicacional inscrita em continuidades históricas do campo radiofônico, particularmente no que se refere à centralidade do som, da voz e da oralidade como dimensões estruturantes da comunicação sonora (Kischinhevsky, 2024; Viana, 2023).

A escolha do *corpus* empírico não se dá somente pela tematização de questões raciais, mas pela forma como mobilizam modos específicos de narrar, enunciar e escutar, ancorados em epistemologias negras e em tradições orais afrodiaspóricas. A oralidade, nesse contexto,

não é compreendida como sinônimo de fala ou mera presença da voz, mas como prática relacional, coletiva e histórica, atravessada por disputas de poder, regimes de escuta e processos de racialização. Trata-se de uma dimensão comunicacional que se aproximam de concepções como a escrevivência (Evaristo, 2020), a noção de tempo formulada por Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo) (2019) e de tempo espiralar, de Leda Maria Martins (2021), que desafiam a linearidade moderna e eurocentrada.

Nesse sentido, as discussões contextualizam a prática do *podcasting* ao contexto digital, compreendendo o podcast como desdobramento do campo radiofônico (Kischinhevsky, 2016; Lopez, 2019; Viana, 2023). Ao mesmo tempo, articula esse debate às contribuições do pensamento negro e afrodiaspórico, se referindo à oralidade, memória, equilombamento e às disputas epistemológicas que atravessam a comunicação sonora contemporânea (Hampâté Bâ, 2010; Nascimento, 2007; Sodré, 2017).

A partir disso, o texto se orienta pela seguinte questão: de que modo podcasts negros brasileiros podem ser compreendidos como práticas contemporâneas do campo radiofônico que atualizam, no ambiente digital, dimensões históricas da ancestralidade negra? Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, inspirada na Análise Racial Crítica de *Podcasting* (Lopes; Silva, 2024; 2025), observando principalmente narrativas e modos de enunciação dos podcasts Raízes e Calunguinha. Com isso, busca-se contribuir para o fortalecimento dos estudos radiofônicos a partir da incorporação de epistemologias negras.

2. Podcast negro e tradição radiofônica

A emergência do *podcasting* insere-se em um processo mais amplo de reconfiguração do campo radiofônico em ambiente digital. Aqui, práticas sonoras passam a operar em ecologias midiáticas híbridas, marcadas pela convergência tecnológica, pela circulação em plataformas e pela autonomia produtiva dos sujeitos comunicantes. Nesse contexto, o *podcast* pode ser entendido como um conjunto de práticas comunicacionais que extrapolam a transmissão hertziana e incorporam dinâmicas de interatividade, mobilidade e consumo sob demanda (Kischinhevsky, 2016; 2024).

A distinção entre *podcast* e *podcasting* permite deslocar a análise de uma perspectiva centrada no produto para uma abordagem que privilegia processos, práticas e relações socioculturais que atravessam a produção sonora contemporânea. Como aponta Viana (2023,

p. 20), "o podcast é um formato sonoro que surge em meio às discussões acerca das apropriações de novas plataformas e modalidades pelo rádio", enquanto o *podcasting* diz respeito às práticas que estruturam sua existência social, incluindo regimes de profissionalização, visibilidade e reconhecimento. Essa compreensão liga-se às formulações de Williams (1977), que reconhece que tecnologias comunicacionais não operam de forma neutra, mas são apropriadas a partir de condições históricas e relações de poder específicas.

Quando produzido por sujeitos negros e orientado por experiências racializadas, o *podcasting* adquire, ainda, uma dimensão contra-hegemônica, na medida em que possibilita a emergência de narrativas historicamente marginalizadas pelos regimes dominantes de representação midiática. Para Hall (2003), os processos de representação constituem espaços centrais de disputa pela produção de sentido e pela construção de identidades culturais. No caso das produções negras, as disputas se ligam à necessidade de enfrentar aquilo identificado por Munanga (2009) como efeitos históricos do racismo na construção das identidades negras, bem como aos processos de desumanização descritos por Fanon (2008) e Mbembe (2018).

Podcasts negros brasileiros constituem práticas comunicacionais críticas que mobilizam memória, ancestralidade e experiência vivida como fundamentos narrativos e epistemológicos, desafiando modelos hegemônicos de comunicação centrados na objetividade universalizante e na desatribuição racial. Mais do que formatos tecnológicos, essas produções inscrevem-se em uma tradição histórica de comunicação oral, atualizando práticas ancestrais de transmissão de saberes e pertencimento comunitário. São espaços que privilegiam a voz situada e a escuta relacional, configurando territórios de agência comunicacional nos quais sujeitos historicamente subalternizados produzem narrativas próprias, reorganizam temporalidades e instituem regimes de escuta que desafiam hierarquias epistemológicas estabelecidas (Sodré, 2017; Gonzalez, 1988; Jenkins e Myers, 2022; Santos, 2009).

Entretanto, reconhecer essa potência não implica assumir que toda produção sonora ou todo *podcast* com temática negra opere, necessariamente, a partir de uma lógica profunda de oralidade. Tal constatação conduz à necessidade de discutir criticamente os limites do uso do conceito no campo da comunicação sonora, distinguindo oralidade de fala e

problematizando apropriações superficiais do termo. É essa discussão que orienta o próximo tópico.

3. Oralidade como categoria epistemológica: limites no campo da comunicação sonora

No campo da comunicação sonora, a noção de oralidade tem sido frequentemente acionada de modo impreciso, muitas vezes reduzida à presença da fala ou à centralidade da voz humana nas produções sonoras. Essa redução conceitual tende a esvaziar a complexidade histórica, cultural e epistemológica da oralidade, convertendo-a em sinônimo de expressão verbal ou de mediação técnica sonora. É uma operação analítica ainda recorrente, embora ignore que a oralidade constitui uma forma específica de produção, circulação e legitimação de saberes, atravessada por regimes culturais, políticos e raciais, e não somente um atributo formal das linguagens sonoras.

Williams (1997) já apontava que práticas culturais não podem ser compreendidas apenas a partir de seus suportes ou formas expressivas, mas devem ser analisadas em relação aos sistemas de significação, às condições históricas e às disputas de poder que as estruturam. Nessa perspectiva, a oralidade não pode ser apreendida como simples modalidade comunicacional, mas como prática social situada, portadora de valores, memórias e modos de conhecimento. Hall (2003) reforça esse argumento quando compreende a cultura como campo de luta simbólica, no qual os sentidos são produzidos, negociados e disputados. A oralidade, nessa linha, opera como um território de produção de significados que desafiam hierarquias epistemológicas baseadas na centralidade da escrita, da normatividade branca e da racionalidade eurocentrada.

No pensamento africano e afrodiaspórico, a oralidade assume estatuto epistemológico central, não só como meio de transmissão de conteúdos, mas como forma de organização do mundo social, do tempo e da memória. Hampâté Bâ (2010) analisa que, nas sociedades africanas tradicionais, a palavra falada estrutura uma cosmologia do saber na qual ética, coletividade e responsabilidade estão indissociavelmente ligadas, fazendo da oralidade um princípio social organizador. Essa compreensão é ampliada no campo decolonial, que reconhece as epistemologias afrodiaspóricas como formas legítimas de produção de conhecimento, historicamente subalternizadas pela colonialidade do saber (Bernardino-Costa;

Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018). No âmbito das diásporas negras, essa lógica é tensionada pela experiência colonial, que, como afirma Fanon (2008), incide diretamente sobre os corpos e vozes negras, tendo produzido silenciamentos impostos, hierarquizações linguísticas e regimes de escuta marcados pelo racismo.

Nascimento (2007) compreende essas práticas como expressões de uma memória coletiva que une temporalidades não-lineares, nas quais passado, presente e futuro coexistem como dimensões vivas da experiência negra. É uma concepção que dialoga com os escritos de Mbembe (2018) ao pensar temporalidades africanas e afrodiaspóricas como formas de exis]encia que escapam à lógica linear e progressiva da modernidade colonial, permitindo compreender a oralidade como prática que reativa o passado no presente e proteja futuros possíveis. É a operação de uma tecnologia de resistência vinda de povos afrodiaspóricos que surgem no interior de regimes históricos de violência e apagamento, como os próprios quilombos na história colonial do Brasil.

É nesse ponto que se torna fundamental operar uma distinção conceitual entre fala e oralidade. A fala corresponde a um ato linguístico individual, situado na enunciação e na emissão sonora, articulando dimensões fisiológicas, fonéticas e linguísticas que materializam a linguagem na voz (Benveniste, 2005; Marcuschi, 2001; Cagliari, 2002). A oralidade, por sua vez, ultrapassa a materialidade da fala, configurando-se como prática relacional, coletiva e historicamente situada, marcada por modos específicos de escuta, performance, corporalidade, temporalidade e pertencimento sociocultural. Em contextos de oralidade primária, a produção e transmissão do conhecimento ocorre dentro das relações sociais, da escuta compartilhada e da corporeidade, seguindo uma lógica performativa e comunitária (Ong, 1998).

Essa compreensão dialoga com Munanga (2003), quando assinala que, nas culturas africanas e afrodiaspóricas, a transmissão de saberes está profundamente ancorada na experiência comunitária e na circulação de narrativas que juntam identidade, memória e ancestralidade, conferindo à oralidade um estatuto epistemológico central.

Nesse contexto, a ancestralidade é um dos principais fatores de formação da identidade negra. Para Munanga (2019), a ancestralidade está dentro do fator histórico, sendo importante para que exista um sentimento de continuidade vivido pelo conjunto de sua coletividade (Munanga, 2019):

O essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações (Munanga, 2019, p. 06).

Torna-se, assim, fundamental reconhecer que nem toda fala se configura como oralidade e que nem toda produção sonora, ainda que centrada na voz, mobiliza, necessariamente, uma lógica oral enquanto categoria de produção de conhecimento, de mediação simbólica e de construção de sentidos compartilhados.

No campo dos estudos radiofônicos, essa distinção torna-se particularmente relevante. A expansão do áudio digital e a valorização contemporânea da voz criaram um ambiente propício para que produções sonoras se autodefinam espaços de oralidade, mesmo quando operam segundo lógicas discursivas individualizadas, autorais e fortemente ancoradas em regimes hegemônicos de produção de sentido. Como trazem Lu e Steele (2019), a oralidade negra nas plataformas digitais se manifesta não somente na presença de sujeitos(as) negros(as) falando, mas pela ativação de práticas discursivas que privilegiam a coletividade, a alegria, a experiência vivida e a escuta como formas legítimas de conhecimento. É uma oralidade que reinventa tradições históricas e se adapta em ambientes digitais, mas sem perder sua dimensão política e cultural.

Sodré (2017) contribui para a discussão ao propor uma epistemologia comunicacional enraizada em matrizes africanas, nas quais o saber não se organiza a partir da separação entre sujeito e objeto, mas da relação, do *axé* e da circulação de sentidos no interior da comunidade. Quando transposta para a área da comunicação sonora, essa perspectiva tensiona modelos que privilegiam critérios técnicos, narrativos ou mercadológicos, deslocando o foco para os modos de produção de vínculo, pertencimento e reconhecimento. Em outras palavras, no caso de podcasts negros, interessa-nos saber qual coletividade é mobilizada no entorno da prática comunicativa que implicaria em uma prática epistemológica de oralidade.

É a partir desse entendimento da comunicação sonora como prática de vínculo, memória e pertencimento que se abre o caminho para pensar os podcasts negros como territórios de escrivência, nos quais a palavra falada carrega saberes ancestrais e faz do

tempo não uma linha reta, mas um movimento espiralar de começos, meio e recomeços, conforme discutido a seguir.

4. Escrevivência, saberes ancestrais e temporalidades não-lineares

Dentro da construção de narrativas de pessoas negras em diferentes campos de produção, o conceito de escrevivência, criado pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo (2020), surge para dar destaque às histórias contadas sobre pessoas negras a partir das suas próprias vivências e subjetividades. Assim, pessoas negras, em especial, mulheres se apropriam de suas próprias histórias, reinventam o modo em que as histórias de pessoas negras são retratadas e se tornam protagonistas.

A escrevivência demarca a escrita de mulheres negras como gesto político de reinscrição da voz historicamente silenciada, borrando imagens do passado em que o corpo-voz negro permanecia sob controle escravocrata (Evaristo, 2020, p. 30). Articulada à oralidade e às práticas comunicacionais sonoras, a escrevivência pode ser compreendida como método narrativo que transforma memórias e subjetividades negras em linguagem situada, por meio do qual podcasters recontam experiências históricas e identitárias no presente. No ambiente digital, tais práticas tensionam narrativas hegemônicas ao deslocarem saberes e afetos da margem para o centro (hooks, 2019), operando como enunciação coletiva que ultrapassa a experiência individual e inscreve trajetórias compartilhadas no campo comunicacional (Evaristo, 2020).

No contexto sonoro, especialmente do *podcasting*, podemos utilizar os elementos sonoros como a voz, os silêncios, os efeitos e vinhetas, associados à um conteúdo centralizado na história da população negra para reinterpretar fatos, contar relatos bibliográficos, mas também criar narrativas ficcionais e afro-futuristas.

Para o quilombola, pesquisador, poeta e ativista Antônio Bispo dos Santos, Nêgo Bispo (2019), a ideia de um tempo não-linear está associada diretamente à perpetuação dos saberes ancestrais, em que a geração avô é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo, um aprendizado intergeracional. E é a partir disso que as identidades e a cultura das comunidades quilombolas resistem.

Ao falar sobre o processo de apagamento dos valores socioculturais dos povos afro-pindorâmicos durante o período de escravização, Nêgo Bispo (2019) ressalta que os

valores desses povos seguem vivos sobretudo em razão da oralidade. Para o autor, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio (2019). Nêgo Bispo afirma que isso pode ser observado “tanto quando olhamos para o passado e fazemos referência aos nossos ancestrais, como hoje quando visitamos as comunidades da atualidade e dialogamos com as suas organizações e manifestações culturais”. (Santos, 2019, p.29)

Em oposição à uma lógica colonial e a cosmovisão cristã monoteísta e linear, para o quilombola Santos (2019), o tempo, na perspectiva dos povos tradicionais, não se organiza de forma linear, mas se constrói a partir de uma lógica de permanência e recomeço. Isso pode ser observado na forma como essas comunidades se organizam na religião, no trabalho e nas manifestações culturais. É dessa forma que atualmente temos acesso a esses saberes e eles podem ser recontados nos podcasts e revisitados pelas novas gerações.

A noção de temporalidade não linear também é desenvolvida por Martins (2021), ao articular memória, ancestralidade e performance nas culturas afrodescendentes por meio do conceito de tempo espiralar, no qual passado, presente e futuro se entrelaçam na continuidade da experiência ancestral. Para a autora, o tempo não se inscreve em uma linearidade progressiva, mas em espirais que instauram conhecimento por meio de múltiplos entrelaçamentos (cósmicos, vitais e materiais) que conectam seres, forças e temporalidades em movimento simultaneamente retrospectivo e prospectivo (Martins, 2021, p. 137).

Dessa forma, a perpetuação dos saberes ancestrais, acontecem a partir do uso de ferramentas pelas comunidades negras e quilombolas, como a escrevivência, a oralidade e a circularidade do tempo. Ao se apropriarem dessas tecnologias ancestrais, os podcasts negros produzidos por pessoas negras no Brasil, reconstroem as narrativas negras dentro do campo digital. O podcast, então, se converte em uma ferramenta que contribui para manter vivo os ensinamentos e os saberes de um povo e de seus ancestrais.

5. Procedimentos metodológicos

O artigo adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, compreendendo *podcasts* negros brasileiros que mobilizam questões raciais não apenas como objetos textuais ou sonoros, mas como práticas comunicacionais coletivas de produção, circulação e pertencimento no ambiente digital, atravessadas por dinâmicas culturais, políticas e

identitárias (Hall, 2003; Viana, 2023). Inseridos em uma lógica de mídia de nicho, tais produções constroem narrativas que engajam públicos e contribuem para o registro de experiências, memórias e saberes historicamente silenciados da população negra (Nascimento, 2007; Sodré, 2017). Nesse processo, atualizam práticas de oralidade como tecnologias de transmissão intergeracional, reinscrevendo no ambiente digital formas de memória coletiva afrodiaspóricas (Hampâté Bâ, 2010; Gonzalez, 1988) e mobilizando a escrevivência como recurso narrativo de reinscrição histórica e preservação de saberes ancestrais no campo sonoro (Evaristo, 2020).

Considerando o foco em podcasts negros brasileiros, o *corpus* foi definido a partir de três critérios: (1) produções independentes realizadas por pessoas negras que abordassem identidade, memória e pertencimento a partir da ancestralidade e da oralidade; (2) podcasts contemplados por editais de fomento destinados a criadores negros, compreendendo que políticas de financiamento ampliam autonomia produtiva e incidem sobre escolhas temáticas e narrativas; e (3) projetos nos quais oralidade e ancestralidade constituíssem eixos centrais da proposta. A partir desses parâmetros, selecionamos dois podcasts produzidos na primeira edição do programa Sound Up no Brasil, iniciativa de incentivo à diversidade no campo do áudio digital voltada a criadores sub-representados.

Entre os podcasts mapeados, Raízes e Calunguinha foram selecionados por mobilizarem a oralidade e a ancestralidade como princípios estruturantes de suas narrativas. Ambos se configuram como podcasts narrativos por contarem histórias com a presença de personagens com enredo marcado por conflitos e arcos narrativos (Viana e Chagas, 2021).

Em diálogo com a escrevivência (Evaristo, 2020) e com as concepções de temporalidade não linear e memória ancestral (Bispo, 2019; Martins, 2021), a análise investiga como essas produções atualizam epistemologias afrodiaspóricas no ambiente digital.

A análise dos podcasts é orientada pela Análise Racial Crítica de *Podcasting* proposta por Lopes e Silva (2024, 2025), construída a partir da articulação entre a Teoria Racial Crítica aplicada às tecnologias comunicacionais (Silva, 2019) e a Análise Crítica Tecnocultural do Discurso (Brock, 2021). Essa perspectiva parte do entendimento de que o podcast, enquanto tecnologia comunicacional, é atravessado por marcadores sociais como raça, exigindo

abordagens metodológicas que considerem simultaneamente dimensões discursivas, tecnológicas e culturais.

No nível dos episódios, são observados aspectos sonoros como duração, participantes, convidados e organização narrativa, além da identidade sonora construída por meio de vinhetas, trilhas, efeitos e escolhas estéticas. Considera-se ainda o eixo estrutural das narrativas e os modos de enunciação presentes nas falas dos podcasters, entendidos como práticas discursivas situadas (Lopes; Silva, 2025).

A incorporação da perspectiva racial crítica implica reconhecer que podcasts produzidos por pessoas negras ou voltados a temáticas raciais demandam a análise dos processos de conscientização racial e das disputas contra o apagamento histórico e intelectual da população negra (Lopes; Silva, 2025). Desse modo, a metodologia busca compreender como essas produções mobilizam o áudio como espaço de produção de sentidos, identidades e memórias, organizando dimensões estéticas, políticas e epistemológicas. Como desdobramento operacional da abordagem metodológica, a análise dos podcasts organiza-se em três eixos, inspirados na Análise Racial Crítica de *Podcasting* de Lopes e Silva (2024, 2025): oralidade, escrevivências e aquilombamento.

6. Discussões e análise dos podcasts

A análise compreende os podcasts como práticas comunicacionais situadas no campo radiofônico em ambiência digital, nas quais oralidade, memória e pertencimento reposicionam som e escuta como dimensões epistemológicas da comunicação contemporânea, à luz da Análise Racial Crítica de *Podcasting* (Lopes; Silva, 2024, 2025).

Os episódios do *corpus* são analisados como expressões de continuidades e deslocamentos entre a cultura radiofônica e as lógicas de circulação digital. Operacionalmente, a interpretação mobiliza três eixos já mencionados: oralidade como categoria epistemológica, escrevivência como prática narrativa e aquilombamento como lógica comunicacional, com o objetivo de compreender como essas produções constroem regimes de escuta racializados, ativam memórias negras e atualizam práticas radiofônicas no contexto digital contemporâneo.

6.1 Raízes

Os episódios do podcast Raízes (Tudo começou em uma árvore; Eu penei mas aqui cheguei; Militante da fé; Colossenses 3:18; O elo perdido; A matriarca; Laços; O homem que não foi embora; Amar é perder o tom; Frutos) organizam-se a partir de uma estrutura narrativa que toma a escuta como prática comunicacional e política, na qual a oralidade adquire estatuto epistemológico ao unir memória, experiência e pertencimento racial. As narrativas são construídas majoritariamente por meio de relatos situados, conversas familiares e testemunhos que conferem centralidade à experiência vivida como forma legítima de produção de conhecimento: “As histórias deste podcast não estão nos livros, e sim na memória das famílias que a gente acompanha (7'28" - ep. 01)⁴”.

Essa escolha dialoga com a tradição dos estudos radiofônicos que reconhecem a voz e a intimidade sonora como elementos estruturantes da comunicação sonora, mas desloca essa herança ao inscrevê-la em um campo de disputas raciais e de gênero historicamente silenciadas (Meditsch, 2001; Lopez, 2019).

A presença de vozes femininas negras evidencia a oralidade como prática atravessada por marcadores interseccionais de raça e gênero, cuja inseparabilidade estrutura a experiência social (Crenshaw, 1989; Collins, 2000; Akotirene, 2019). A enunciação em primeira pessoa ultrapassa o registro autobiográfico individualizante e opera como dispositivo de memória coletiva, articulando experiências situadas a trajetórias históricas mais amplas da população negra, especialmente das mulheres, historicamente marginalizadas nos regimes hegemônicos de produção de conhecimento.

Nesse sentido, Raízes tensiona modelos jornalísticos ancorados na pretensa neutralidade ao afirmar a experiência situada como eixo narrativo, em consonância com perspectivas feministas que reconhecem o caráter político da enunciação a partir das margens (hooks, 2013; Ribeiro, 2017). Isso evidencia a imbricação entre raça, gênero e classe na constituição das experiências sociais e confronta o epistemicídio descrito por Carneiro (2005), ao mobilizar a oralidade como estratégia de reinscrição de saberes historicamente subalternizados no espaço midiático.

Nesse sentido, Gonzalez (1988) permite compreender as narrativas orais como crítica aos entrelaçamentos entre racismo e sexismo na cultura brasileira. Em Raízes, escolhas

⁴ Extraído da descrição do podcast em: <https://open.spotify.com/episode/5BEcJCV22tI8jHdBdmOeo4>.

linguísticas, entonações e modos de narrar evocam práticas afrodiaspóricas que desafiam a normatividade branca, masculina e letrada, reafirmando a oralidade como espaço de resistência simbólica. Tal dimensão dialoga com hooks (2013), para quem a fala situada nas margens constitui ato político de insurgência, no qual enunciar significa reivindicar existência, autoria e autoridade sobre a própria experiência.

Já do ponto de vista da subjetividade negra, as narrativas mobilizadas pelo podcast dialogam com as reflexões de Souza (1983) quando evidencia como a possibilidade de narrar a própria trajetória contribui para processos de elaboração subjetiva frente às violências do racismo. Essa dimensão torna-se particularmente visível quando o narrador recupera memórias de escassez econômica, silenciamento e vulnerabilidade familiar das histórias narradas, ao contar: "Eu cresci ouvindo painho dizer 'não tenho dinheiro'. Daleth conviveu com o silenciamento, agressões e negligências. Ela se sentia sozinha, o elo perdido da família. Estamos falando aqui de duas pessoas vulneráveis que tinham tudo para usar a sua dor como desculpa para machucar o outro. Não foi o que aconteceu. E a gente deve isso a um pássaro mitológico: a Fênix" (Ep. 09, 21'18'')⁵.

No movimento de transformar experiências de sofrimento em narrativa de reconstrução, Raízes explicita processos de reelaboração subjetiva que se aproximam da necessidade de recomposição da existência negra frente à desumanização racial descrita por Fanon (2008), reinscrevendo trajetórias em um campo de inteligibilidade histórica e confrontando a despossessão ontológica produzida pelo racismo moderno (Mbembe, 2018). Essa operação une-se à escrevivência (Evaristo, 2020), na qual a experiência vivida constitui matéria da enunciação, integrando memória individual e história coletiva negra. A mobilização de afetos e vulnerabilidades funciona, assim, como estratégia de produção de verdade situada, em consonância com o conhecimento experiencial formulado por Collins (2000), cuja legitimidade epistemológica tensiona paradigmas universalistas e desincorporados de conhecimento.

Raízes produz um espaço sonoro de reconhecimento no qual a experiência individual se converte em pertencimento coletivo, atualizando memórias familiares por meio da oralidade, em consonância com a noção de saberes situados forjados em contextos de desigualdade (Gomes, 2017). A produção evidencia o áudio como prática discursiva situada,

⁵ Extraído da descrição do podcast em: <https://open.spotify.com/episode/75crJYZAARyC6VEfPpgXcU>.

na qual experiência, memória e identidade racial estruturam a narrativa por meio de relatos familiares e reflexões autobiográficas em primeira pessoa, trabalhando oralidade, subjetividade e pertencimento racial.

A oralidade ultrapassa sua dimensão expressiva para assumir estatuto epistemológico, na medida em que a centralidade da voz do narrador e de seus familiares atua como modo de produção e legitimação do conhecimento. Nas tradições africanas, a palavra falada constitui espaço de preservação da memória coletiva e de transmissão intergeracional de saberes (Hampâté Bâ, 2010), deslocando a primazia da escrita e permitindo compreender a narrativa sonora como tecnologia cultural de memória. Essa perspectiva dialoga com Ong (1998), pois reconhece que culturas de oralidade organizam a experiência por meio da memória viva e da presença, e com Martins (2021), cuja noção de tempo espiralar ilumina a forma como, no podcast, a materialidade vocal conecta passado e presente em uma temporalidade não linear característica de matrizes afrodiaspóricas.

Sob essa perspectiva, a oralidade constitui prática epistemológica que desafia regimes coloniais de conhecimento, nos quais saberes legitimados dependem de institucionalização escrita ou científica, alinhando-se ao que Sodré (2017) denomina cosmopercepções afro-brasileiras, nas quais corpo, memória e ancestralidade estruturam modos de compreensão do mundo.

No segundo eixo analítico, a dimensão autobiográfica do podcast pode ser compreendida à luz do conceito de escrevivência formulado por Evaristo (2020), entendido como uma escrita que emerge da experiência vivida e da memória coletiva negra. Embora originalmente associado à literatura, o conceito revela potência analítica quando deslocado para o campo das narrativas sonoras, uma vez que a narração em primeira pessoa presente em Raízes articula experiência individual e história coletiva em uma mesma tessitura discursiva. A trajetória do narrador, marcada por perguntas sobre pertencimento, identidade racial e ancestralidade, evidencia processos de constituição subjetiva em contextos racializados, conforme discutido por Fanon (2008), nos quais o sujeito negro precisa reconstruir sua própria imagem frente a estruturas históricas de desumanização.

Nesse sentido, a investigação familiar realizada no podcast não se restringe a um percurso pessoal, mas constitui gesto político de reinscrição da memória negra em espaços historicamente marcados pelo apagamento, conforme discutido por Mbembe (2018) e

Carneiro (2005). A escrevivência sonora manifesta-se também na dimensão afetiva da narrativa. A presença de emoções, dúvidas e vulnerabilidades não fragiliza o discurso, mas opera como estratégia de produção de verdade situada, alinhando-se à noção de conhecimento experiencial proposta por Collins (2000), segundo a qual sujeitos posicionados em estruturas de opressão produzem saberes específicos a partir de suas vivências. Assim, a narrativa autobiográfica configura um regime de enunciação no qual subjetividade e conhecimento não são categorias opostas, mas complementares, deslocando paradigmas tradicionais do jornalismo centrados na objetividade distanciada.

Para além das dimensões individuais da narrativa, Raízes evidencia processos comunicacionais que podem ser compreendidos como práticas de aquilombamento. O conceito, conforme Nascimento (2006) e Santos (2019), refere-se não apenas a territórios físicos de resistência, mas a formas coletivas de existência, proteção e produção de conhecimento negro. No ambiente digital, tais práticas manifestam-se em redes de apoio, circulação de narrativas e construção de pertencimento comunitário.

A dimensão do aquilombamento como lógica comunicacional em Raízes manifesta-se na forma como os vínculos familiares são narrativamente reconstruídos como espaços de pertencimento, cuidado e continuidade relacional. Ao afirmar, por exemplo, que “a gente não pode escolher os laços que fazemos em família, eles vão se construindo, se costurando com o tempo. Mas se valer a pena, você mantém” (Ep. 7, 47’43’’)⁶, o narrador desloca a noção de família de uma estrutura biológica fixa para um processo relacional construído na temporalidade da convivência e da memória compartilhada. Tal formulação aproxima-se da concepção de quilombo como forma social dinâmica, baseada em relações de proteção mútua, solidariedade e produção coletiva de existência, conforme discutido por Nascimento (2006) e Santos (2019).

Nesse sentido, o podcast opera como território simbólico de recomposição comunitária, no qual narrar e escutar memórias familiares constituem práticas de resistência frente aos processos históricos de fragmentação e descontinuidade impostos à experiência negra. A comunicação, portanto, não se restringe à transmissão de histórias, mas configura-se como prática de construção de comunidade, reafirmando o aquilombamento como lógica relacional que liga memória, identidade e pertencimento no ambiente digital.

⁶ Extraído da descrição do podcast em: <https://open.spotify.com/episode/2Sum0LbAoXZ7o3qkOyRITc>.

Essa dimensão relacional dialoga com as discussões de Gomes (2017) sobre o movimento negro como produtor de saberes, evidenciando que práticas culturais e comunicacionais constituem espaços de formação política e identitária. No contexto do *podcasting* (Kischinhevsky, 2024), tais dinâmicas revelam a apropriação tecnológica como estratégia de agência e visibilidade negra, aproximando-se das análises de Lu e Steele (2019) sobre a reinvenção contemporânea da cultura oral negra em ambientes digitais. Desse modo, Raízes pode ser interpretado como dispositivo de aquilombamento sonoro, no qual a comunicação opera simultaneamente como prática estética, política e epistemológica, construindo um território simbólico de pertencimento racial, memória e reconhecimento.

Pensar os eixos analíticos juntos evidencia que o podcast ultrapassa a condição de produto midiático para configurar um regime de enunciação racializado, no qual experiência, memória e comunidade operam de modo interdependente. Essa convergência permite compreender que produções sonoras negras contemporâneas não apenas tensionam concepções técnicas do podcast, mas funcionam como dispositivos contra-hegemônicos de produção de conhecimento, deslocando regimes coloniais de validação epistemológica e reafirmando saberes situados e corporificados.

Quando pensa a linguagem sonora como espaço de reinscrição histórica, o podcast produz fissuras nas hierarquias raciais do conhecimento e institui regimes de escuta que reposicionam sujeitos negros como produtores legítimos de saber sobre si e sobre o mundo. Assim, inscreve-se em um campo mais amplo de práticas comunicacionais afrodiaspóricas que, ao se apropriarem das tecnologias digitais sonoras, transformam o ato de narrar em gesto político de permanência, reexistência e imaginação de futuros negros possíveis.

6.2 Calunguinha

O programa “Calunguinha, o cantador de histórias”, se define como um podcast ficcional que tem como público principal crianças de todas as idades. Em seu slogan, demarca que ali se escuta “histórias para ninar crianças pretas, memórias para curar pessoas brancas”. Lançado em 2022, tem duas temporadas e foi criado por Lucas Moura e Stela Nesrine. Segundo a descrição na plataforma Spotify:

Calunginha é um menino pretinho (como sua mãe), crespinho (como seu avô) que adora histórias, mas não qualquer história. Toda noite, antes de deitar, a mamãe prepara um chá e conta pra ele a história de uma pessoa negra importante que já viveu. Quando a mamãe sopra o chá pra esfriar, Calunginha sai voando junto com a fumaça pelos ares, navega pelos mares, passa por Congo, Pernambuco, Bahia, Palmares, encontra essas pessoas incríveis por lá, aprende com elas e volta pra cantar pra sua mãe tudo que ele aprendeu. Uma história nova toda sexta-feira, a cada episódio um convidado ou convidada especial. [...] (2022, s/p)⁷.

Para contar essas histórias de grandes figuras negras, o podcast adota uma estratégia: convidar personalidades negras importantes da contemporaneidade para serem as vozes das personalidades negras protagonistas. E mantém um tom de histórias contadas para crianças, com muita expressividade, uma estrutura narrativa com a presença de heróis, vilões e mocinhos.

Ao longo dos 12 episódios da primeira temporada, publicados em 2022, aprendemos um pouco mais sobre várias personalidades que já sabemos de quem se trata ainda no título dos episódios, como podemos ver em seguida: 1. Rei Malunginho, o grande chaveiro, com Lázaro Ramos; 2. Luísa Mahin, a quituteira, com Roberta Estrela D'Alva; 3. João Cândido, o navegante negro, com Zudzilla; 4. Teiniágua, a princesa Moura, com Naruna Costa; 5. Ganga Zumba, o titio rei, com Yuri Marçal; 6. Xica Manicongo, a encantadora de tecidos, com Aretha Sadick; 7. Chaguinhas, o desatador de nós, com Eduardo Silva e Aloysio Letra; 8. Teresa de Benguela, a manda-chuva, com Margareth Menezes; 9. Galanga, o cabelo de ouro, com Sidney Santiago Kwanza; 10. Zeferina, a arqueira, com Luedji Luna e Licínio Januário; 11. Preto Cosme, o guardião da liberdade, com Ícaro Silva e Amon Medrado; e 12. A boneca Dona Joventina, com Solange Couto.

Observa-se que o título dos episódios segue um padrão em que o nome da personalidade é predominante, o que demonstra de forma explícita que aquela figura será protagonista naquele episódio. O mesmo aparece na descrição dos episódios, como o exemplo do Episódio #1:

Na voz de Rei Malunginho, o ator Lázaro Ramos Não querendo que a mãe vá pro trabalho e fique só brincando com ele, Calunginha resolve aprontar, tranca a porta de casa e esconde a única chave pra abrir ela no meio dos seus brinquedos. Diante da situação, sua mãe lhe conta a história de Rei Malunginho, o grande chaveiro. Líder de um dos maiores quilombos do Brasil, o quilombo do Catucá. Malunginho é um homem forte com uma chave mágica capaz de abrir todas as coisas do mundo.

⁷ Extraído da descrição do podcast em: <https://open.spotify.com/show/2aUyIwcGitwiekGLVgg27v>

Ele pode escolher abrir grandes tesouros, mas ele escolhe abrir apenas uma coisa...
o que será? (2022, s/p)⁸

O roteiro se inicia no cotidiano de Calunguinha com a sua mãe. A história da personalidade negra sempre aparece a partir de um mote dessa interação e o Calunguinha é levado para essa história a partir do chá que a mãe prepara antes de dormir. Mas quem leva a criança para dentro da história é o seu avô. Ao longo dos episódios, percebemos que o avô já se ancestralizou e só quem o escuta é o Calunguinha.

Essa interação do neto com o avô é o fio narrativo que liga a vida de Calunguinha à vida das personalidades negras em todos os episódios. Para exemplificar, destacamos o “Episódio #2 - Luísa Mahin, a quituteira”, que começa com Calunguinha emburrado porque queria comer doce antes da hora de dormir e, então, se esconde em uma pilha de roupa que está em cima da sua cama. Ao tentar conversar com o neto, a criança afirma que o avô está conversando com o esconderijo do Calunguinha. É nesse momento, que a história da criança se conecta com a de Luísa Mahin, quando o avô explica que “faz muito mal essa brincadeira de sumir e deixar uma mãe preocupada assim, querendo saber onde está seu filho. Que se ele soubesse como Luísa Mahin sofreu procurando o seu filho a vida inteira, ele não faria isso” (2022, s/p)⁹. No que o neto, pergunta: Vovô? Quem é Luísa Mahin? (2022, s/p)¹⁰

Em seguida, no exemplo acima, a mãe de Calunguinha finge não ver a criança embaixo da pilha de roupa, deixa o chá ao lado da cama e assopra para esfriar. O vento do sopro transporta o ouvinte junto com o Calunguinha para a época em que Luísa Mahin viveu. Ali, a sua história é apresentada.

Ao traçar uma conexão entre as crianças e as histórias de personalidades negras de diferentes épocas protagonizadas por artistas da contemporaneidade, o podcast dialoga com as reflexões de Antônio Bispo dos Santos (2019) e Leda Maria Martins (2021), visto que conecta o passado, o presente e o futuro, às gerações negras a partir da ancestralidade e da oralidade, fazendo referência a circularidade da vida e dos saberes negros.

⁸ Extraído da descrição do episódio 1 “Rei Malunginho, o grande chaveiro - com Lázaro Ramos:

<https://open.spotify.com/episode/64tyv3xiQs1slwMVORo05n>

⁹ Extraído do Episódio #2 - “Luísa Mahin, a quituteira - com Roberta Estrela D’Alva:

<https://open.spotify.com/episode/670Wk68j1W0qOIxsvIt1Oh>

¹⁰ Extraído do Episódio #2 - “Luísa Mahin, a quituteira - com Roberta Estrela D’Alva:

<https://open.spotify.com/episode/670Wk68j1W0qOIxsvIt1Oh>

Ao direcionarmos nossa análise para a identidade sonora, observamos o uso de trilhas, efeitos sonoros e recursos que dialogam com as narrativas de cada episódio, possibilitando uma forte identificação com ritmos negros e ambientações de cada história a ser contada, construindo a sensação de pertencimento à espaços negros. Também temos a presença muito forte de frequentes interações entre os personagens, no qual identificamos como sendo uma estratégia de aproximação com o público, principalmente com as crianças. Esse formato nos remete muito à oralidade, em que as histórias são contadas de geração a geração através da fala. O que podemos observar como sendo uma estratégia muito presente no podcast como um todo.

Ao analisarmos os elementos sonoros, observamos que Calunginha utiliza a oralidade e a ancestralidade para contar para as novas gerações histórias sobre grandes personalidades negras e, assim, manter viva a memória negra do país. Dessa forma, a comunicação se torna uma prática política de preservação histórica. Essa forma de narrar traz para o centro da produção o protagonismo de pessoas negras, o que demonstra uma conscientização racial dos criadores do podcast, se convertendo em uma grande contribuição para a história intelectual da população negra no Brasil.

Através dos episódios analisados, observamos que esse podcast luta contra o apagamento da história de personalidades negras brasileiras, por meio de um discurso acessível e adaptado às gerações que estão construindo ainda um senso crítico e uma formação política sobre o lugar ocupado pelo negro no Brasil. Assim, os produtores se apropriam da mídia podcast para um fim específico que é difundir feitos de pessoas negras ao longo dos séculos e transmitir às crianças negras que é possível lutar, sonhar e realizar.

7. Considerações finais

Para além de um fenômeno técnico ou mercadológico, o *podcasting* tem se consolidado como prática comunicacional política, capaz de produzir novas visibilidades e temporalidades narrativas (Meirinho; Carrera, 2023). Nesse contexto, podcasts negros brasileiros operam como dispositivos de reconfiguração simbólica ao tensionarem a invisibilização histórica e os enquadramentos estereotipados das experiências negras. Raízes e Calunginha evidenciam esse movimento ao se ancorarem em epistemologias negras e em matrizes orais afrodiaspóricas que articulam ancestralidade, memória coletiva e

temporalidades não lineares como tecnologias de produção de saber e identidade, configurando-se como práticas contemporâneas do campo radiofônico em ambiência digital.

Em Raízes, esse processo manifesta-se na centralidade da escuta familiar como prática de produção de conhecimento, na qual relatos autobiográficos e memórias intergeracionais configuram a oralidade como categoria epistemológica. A narrativa em primeira pessoa mobiliza a escrevivência como prática sonora que liga experiência individual e memória coletiva negra, produzindo um regime de enunciação em que subjetividade e conhecimento se tornam indissociáveis. Simultaneamente, a reconstrução de vínculos identitários constitui um espaço simbólico de pertencimento que pode ser compreendido como aquilombamento comunicacional, na medida em que o podcast opera como território de recomposição comunitária frente aos processos históricos de apagamento racial. Em Calunguinha, por sua vez, a articulação entre gerações, materializada na presença de diferentes membros da família na narração e na mediação de histórias de personalidades negras ancestralizadas, produz conexões entre passado, presente e futuro, atualizando pedagogias da memória voltadas à infância.

Assim, essas produções podem ser compreendidas a partir de uma temporalidade não linear, do “começo, meio e começo” (Santos, 2019), característica das práticas ancestrais de transmissão de saberes, ao reafirmarem som e voz como territórios de disputa epistemológica, nos quais narrativas negras constroem formas de expressão e (re)existência por meio da oralidade, da escrevivência e da mídia sonora.

Referências

- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África I: metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167–212.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque ao modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, USP, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**. University of Chicago Legal Forum, Chicago, v. 1989, n. 1, p. 139–167, 1989.

EVARISTO, Conceição. **A escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivência: a escrita de nós*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, jan./jun. 1988.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Coleção Palavras Negras)

hooks, bell. **We Real Cool: Black Men and Masculinity**. New York: Routledge, 2004.

JENKINS, Bryan M.; MYERS, Taryn K. **Digital Black Voices: Podcasting and the Black Public Sphere**. Digital Humanities Quarterly, v. 16, n. 3, jul. 2022. Disponível em: <https://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/16/3/000641/000641.html>. Acesso em: 20 fev. 2026.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Cultura do podcast: Reconfigurações do rádio expandido**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2024.

LLOYD, David. **Under Representation: The Racial Regime of Aesthetics**. New York: Fordham University Press, 2018.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; Silva, Márcia Gomes da. **Análise Racial Crítica De Podcasting: Uma Proposta Metodológica**. In: COMPÓS, 34º Encontro Anual, 2025, Curitiba-Paraná. Anais.

LU, Jessica H.; STEELE, Catherine Knight. **‘Joy is resistance’: cross-platform resilience and (re)invention of Black oral culture online**. Information, Communication & Society, Londres, v. 22, n. 6, p. 823–839, 2019.

LUGONES, María. **Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial**. Tabula Rasa, n. 9, pp. 73–102, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2018.

MEIRINHO, Daniel; CARRERA, Fernanda. **Masculinidades negras nas artes visuais:** performances contemporâneas e suas narrativas de incômodo, fuga e fabulação. *Galáxia* (São Paulo, online), v. 48, p. 1–26, 2023. DOI: 10.1590/1982-2553202363140.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos.** Coleção Cultura Negra e Identidades. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex (org.). **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. p. 117–125.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita:** a tecnologização da palavra. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

RIBEIRO, Djamil. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos:** modos e significações. 2a. Edição. Brasília: AYÓ. 2019

SILVA, Márcia Gomes da. **Jornalismo Antirracista Na Perspectiva De Mulheres Negras:** Uma Análise Racial Crítica De Podcasting. Piauí: Universidade Federal do Piauí. 2024, 135 p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM)

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô:** ensaios sobre cultura e política no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIANA, Luana. Podcasting e a nova ecologia de mídia. In: SANTOS, Sílvio; MIRANDA, João (org.). **O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros no ambiente digital.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luan José Vaz. **Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico.** In: XIII Encontro Nacional de História da Mídia, Juiz de Fora, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature.** Oxford: Oxford University Press, 1977.